

# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 1

## FORMAÇÃO PLENA PARA OS PROFESSORES



Bernardete Gatti: o país enfrenta uma grande crise na formação de seus professores – em especial, de alfabetizadores.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 2

*A qualidade da formação dos professores já há algum tempo é colocada em xeque pelos especialistas em educação. Outro fator discutido é a influência dessa formação no sistema educacional como um todo. Para a coordenadora do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, Bernardete Gatti, é preciso discutir, em primeiro lugar, a qualidade dos cursos que oferecem a formação de docentes. Ela ressalta que não há iniciativas para a reestruturação dos cursos de formação e para a reformulação dos seus princípios. “O Conselho Nacional de Educação elaborou as diretrizes curriculares nacionais para formação de professores, mas até onde eu sei, essas diretrizes não são cumpridas. Também acho que elas não são nem conhecidas pela maioria dos formadores”, acredita. “Essa é uma questão bem típica do nosso estado nacional, que é bastante burocrático e onde são feitas leis para mudar a realidade, mas estas ficam só no papel”, acrescenta Bernardete Gatti.*

**FOLHA DIRIGIDA** – Considerando a formação do professor, o que mais “preocupa” hoje? Quais mudanças em concepções e práticas educacionais devem ocorrer?

**BERNARDETE GATTI** – A própria formação é o que preocupa mais. Nós não temos tido uma preocupação substantiva com a formação. Ela é bastante aligeirada e nós temos problemas tanto nos cursos de Pedagogia como nos cursos de Licenciatura, que vêm se arrastando há mais de 40 anos e não foram resolvidos. Ao invés de se repensar toda a grade curricular e a formação dos educadores, que é uma questão muito séria, nós ficamos em discussões, do meu ponto de vista, estéreis, do campo de questões ideológicas e de brigas políticas. A questão curricular da formação do professor, uma formação específica, é deixada de lado. Também não é discutida a fundo a qualidade dos cursos que estão formando os professores. Há cursos de diversas naturezas que formam educadores: escola normal média, escola média superior, institutos superiores de educação, cursos de Pedagogia e as diferentes licenciaturas. Porém, não há uma iniciativa para uma reestruturação



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 3

concreta e real desses cursos; não há uma reformulação de princípios. O Conselho Nacional de Educação elabora as diretrizes curriculares nacionais para formação de professores, mas até onde eu sei, essas diretrizes não são cumpridas. Também acho que elas não são nem conhecidas pela maioria dos formadores. Essa é uma questão bem típica do nosso estado nacional, que é bastante burocrático e onde são feitas as leis para mudar a realidade, mas estas ficam só no papel. A formação é muito problemática em todas as áreas. Especialmente na alfabetização. Estamos passando por uma crise muito grande de formação de alfabetizadores. Isso porque, as escolas de ensino médio, mal ou bem, tratavam dessas questões de como alfabetizar, como ensinar as primeiras contas, já que lidar com crianças é muito difícil. Ensinar a ler e escrever é um processo muito complexo. No entanto, os cursos superiores não dão a atenção devida a esse processo. Eles também não estão preparados para formar os alfabetizadores. Os professores desses cursos não tem formação suficiente para formá-los. Outro problema são as licenciaturas que, até agora, não apresentaram um formato renovado. Elas utilizam o mesmo formato de sempre – o chamado “três mais um” que, às vezes, é dois mais um – que significa a formação básica em uma disciplina e depois um ano de matéria de educação, estrutura e funcionamento, mas sem o conhecimento aprofundado sobre os problemas da educação e da aprendizagem. Dessa forma, ficamos com uma formação esquisita, porque temos a formação na disciplina, mas com um verniz de formação pedagógica. Depois disso, o professor é posto na sala de aula com adolescentes e crianças, mas não está preparado para enfrentar essa situação. Enquanto nós não atacarmos essa questão da formação do professor, de verdade, vamos ter problemas na formação dos nossos alunos. É um círculo vicioso.

**FOLHA DIRIGIDA** – mesmo com todos esses problemas a senhora vê importância na obrigatoriedade do diploma em nível superior?

**BERNARDETE GATTI** – O Brasil é muito diversificado. É muito difícil pensar em uma política que atenda do Amazonas ao Rio Grande do Sul. A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 é sábia quando, de um lado, propõe a formação em nível superior progressivamente, mas mantém o direito da formação no ensino médio. Isso atende às condições do país. Se pegarmos as regiões onde o desenvolvimento está chegando progressivamente agora – toda a Amazônia, Acre, Rondônia, Roraima, Pará e mesmo a região Centro-Oeste – observa-se um corpo de professores, que nós chamamos de leigos, e que são verdadeiros heróis, porque



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 4

estão tentando fazer a formação dessa geração sem terem tido preparação alguma para isso. Para essas regiões e algumas áreas do Nordeste, a proposição de que a formação dos professores seja inicialmente em ensino médio é salutar. É preferível alguma formação do que nenhuma formação. Já no estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, a região Sul, nós já podemos fazer a formação em nível superior. Os professores que estão na escola, praticamente todos, já têm um curso superior. Mesmo os professores de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental já procuram a formação em nível superior. Além disso, houve programas para que os professores em exercício pudessem ter essa formação subsidiada pelos governos. Nos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais foram feitos programas para que os professores da rede pública tivessem a formação em nível superior.

**FOLHA DIRIGIDA** – A formação em nível superior, por si só, é garantia de um bom profissional?

**BERNARDETE GATTI** – Nenhuma formação garante nada. O médico faz seis anos de universidade e sai ainda sem preparação suficiente. Nenhuma formação universitária forma um profissional completo. Com o avanço dos conhecimentos não é possível absorver tudo. Todo profissional precisa de uma formação suplementar – que é uma formação permanente com cursos de extensão de especialização e no próprio ambiente de trabalho. Os cursos de formação de professores estão abaixo do necessário para o seu desempenho. É preciso repensar isso, com certeza, mas esse não é o único. Outros cursos precisariam ser repensados.

**FOLHA DIRIGIDA** – Essa medida pode valorizar o magistério ou, na verdade, afastar as pessoas ainda mais da carreira?

**BERNARDETE GATTI** – O diploma é necessário quando se tem uma profissão socialmente reconhecida. O diploma não deveria ser um condicionante único. Em outros países, por exemplo, temos engenheiros atuando em Psicologia, pois o que conta é a experiência da vida dele e como ele foi fazer a formação pós-profissionalização básica. Eu vejo que, em muitos países, estes guetos já estão um pouco rompidos. Aqui mesmo no Brasil, vemos também muitos engenheiros que trabalham com administração de empresas. Acho que isso é salutar, eu não sou favorável a corporativismo. Um diploma não define um profissional. Eu diria que o curso superior pode ajudar a formar um melhor profissional.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 5

**FOLHA DIRIGIDA** – Geralmente, quando o ensino vai mal, culpa-se o professor. Qual é, efetivamente, a parcela de culpa do professor neste processo?

**BERNARDETE GATTI** – Eu acho que isso é um círculo vicioso, porque o professor que está na escola foi formado por algum curso superior. Eu diria que quem tem uma parcela maior de culpa nessa situação são as instituições de ensino superior – as universidades e estas faculdades integradas isoladas. É um círculo vicioso em que o professor não é o maior culpado, evidentemente. Alguém o formou de uma determinada maneira. Eu acho que é preciso insistir nessa formação básica, ela é muito importante. O maior problema da formação do professor é a instituição que o forma. Em geral, os cursos de formação de professores não são valorizados pelas universidades, ninguém acha que é importante pensar nisso. Depois, a formação da maioria dos professores não está sendo feita pelas grandes universidades. Ela é feita, sobretudo, pelas escolas isoladas, particulares e noturnas. Isso é um sério problema. Eu acredito que as instituições deveriam pensar um pouco menos no dinheiro e mais na ética. Elas precisam de uma concepção de ética social, de responsabilidade social.

**FOLHA DIRIGIDA** – Ainda falando da formação do professor, não seria necessária uma ênfase maior aos conhecimentos psicológicos na formação desses profissionais?

**BERNARDETE GATTI** – Eu acho que deve haver um equilíbrio. Ele não pode ter apenas conhecimentos de Psicologia. O professor precisa ter a Psicologia, a Psicologia Social, muita Sociologia da Educação para entender contextos, modos de vida e de habitat, a história da educação, a didática. Há uma área extremamente importante que é a mais descuidada e, também por essa razão, a formação do professor é capenga: o estágio. Nós sabemos muito bem que os estágios não são feitos de acordo com a legislação. De prática de ensino e estágio, a legislação exige muitas horas que, normalmente, não são cumpridas. O aluno, quando muito, vê uma sala de aula durante alguns dias, mas não durante todas as horas exigidas. O estágio, em geral, é um papel assinado. Não se vê o aluno dar aulas, orientado por um professor, não se vê esse estágio sendo realizado com consistência. Poucas instituições realizam, na formação de professores, um estágio que enriqueça essa formação. O aluno deveria ser inserido na escola, assim como acontece em cursos de Medicina, em que há uma imersão do médico com o aluno no hospital, no pronto-socorro, no campo onde ele irá trabalhar.



# difusão de idéias

Fundação Carlos Chagas • Difusão de Idéias • dezembro/2006 • página 6

O professor deveria ter essa imersão. Deveria-se ter uma rede de relações entre escolas formadoras, escolas de ensino fundamental e médio e educação infantil, para que esses formandos pudessem estar nessas escolas, seja como observadores, como monitores, como auxiliares do professor, para aprender a como lidar com essas crianças, mas isso não é feito. O grande problema da formação de professores é o estágio não ser realizado como se deve. Ele é falsificado. ✘

Entrevista concedida à FOLHA DIRIGIDA,  
em outubro de 2004, à Ana Paula Novaes.